

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ARTIGO

(DE)COLONIALIDADE NA TRADUÇÃO LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DOS MC'S AFRO-BRASILEIROS EM JUBIABÁ, DE JORGE AMADO, PARA O ESPANHOL*(DE)COLONIALITY IN LITERARY TRANSLATION: AN ANALYSIS OF AFRO-BRAZILIAN MCS IN JUBIABÁ, BY JORGE AMADO, INTO SPANISH*

NATHELY KELY LOPES SAMPAIO CRUZ

Graduanda em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: nathelysampaio@gmail.com

YASMIN OLIVEIRA GUIMARÃES

Graduanda em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: yguimaraes000@gmail.com

ALINE DE FREITAS SANTOS

Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: afsantos@uefs.br

RESUMO

O presente trabalho trata-se de resultados parciais da pesquisa de TCC, visa discutir acerca das marcas da colonialidade que podem atravessar a tradução para o espanhol das lexias afro-brasileiras presentes em *Jubiabá* (2008) e como as escolhas dos correspondentes observados na análise suscitam traços de uma postura tradutória (de)colonial. O *corpus* desta pesquisa compõe-se da 58ª edição da obra *Jubiabá* (2000), de Jorge Amado, e pela 1ª edição de sua tradução para o espanhol, realizada por Basilio Losada (2014). Para a análise, partimos das tendências domesticação/estrangeirização, na tradução dos MC's *Pai-de-santo*, *Macumba*, *Exu* e *Candomblé*. Os resultados apresentam uma discussão significativa que indicam como as estratégias utilizadas pelo tradutor demonstram os impactos nas representações sociais e culturais e como elas contribuem para evidenciar práticas ideológicas a favor ou contrárias à cultura do outro. Além disso, ratificamos a partir da análise as facetas que constituem os caminhos tradutórios supracitados.

Palavras-chave: Marcadores Culturais. Jubiabá. (De)colonialidade.**ABSTRACT**

This paper presents partial results from the undergraduate thesis research and aims to discuss the marks of coloniality that may permeate the translation into Spanish of Afro-Brazilian lexicons found in 'Jubiabá' (2008) and how the choices of equivalents observed in the analysis reveal aspects of a (de)colonial translational approach. The corpus of this research consists of the 58th edition of Jorge Amado's 'Jubiabá' (2000) and the first edition of its translation into Spanish, carried out by Basilio Losada (2014). For the analysis, we start from the domestication/foreignization tendencies in the translation of the cultural markers 'Pai-de-santo', 'Macumba', 'Exu', and 'Candomblé'. The results present a significant discussion indicating how the strategies used by the translator demonstrate the impacts on social and cultural representations and how they contribute to highlighting ideological practices that either support or oppose the culture of the other. Furthermore, through the analysis, we confirm the facets that shape the aforementioned translational paths.

Keywords: Cultural Markers. Jubiabá. (De)coloniality.

INTRODUÇÃO

O presente artigo insere-se no campo de estudo dos Marcadores Culturais na Tradução Literária e tem como objetivo discutir as marcas de colonialidade que atravessam a tradução para o espanhol das lexias afro-brasileiras presentes em *Jubiabá* (2008), de Jorge Amado. A análise explora como as escolhas tradutórias observadas evidenciam traços de uma postura tradutória com possíveis inclinações (de)coloniais. Para isso, o corpus selecionado consiste no material utilizado em uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em andamento, abrangendo a 27ª edição da obra *Jubiabá* (2008), de Jorge Amado, e a 1ª edição de sua tradução para o espanhol.

As obras de Jorge Amado apresentam narrativas marcantes das representações sociais e ideológicas da época em que escreveu, especialmente o romance “*Jubiabá*”, cuja produção impactou significativamente as experiências individuais e coletivas daquela sociedade. Publicado em 1935, esse romance, ambientado na Bahia, combina eventos da realidade e da ficção, realçando questões sociais e religiosas que são cenários essenciais para o desenvolvimento da narrativa. O autor, ao utilizar elementos do materialismo histórico, retrata as condições econômicas, sociais e religiosas daquele período. Frente a isto, ressaltamos que o presente estudo, analisa a tradução para o espanhol dos MC's representativos da cultura afro-brasileira, observamos, para além da transposição dos aspectos linguísticos, miramos a maneira como os elementos culturais são percebidos, reinterpretados e apresentados ao novo público, os leitores estrangeiros.

Segundo Aubert (2006), os Marcadores Culturais (doravante MC's) são lexias representativas de uma cultura, identificadas no cotejo entre diferentes línguas e seus significados múltiplos que se constituem de especificidades que podem estar diretamente relacionadas a identidade coletiva de determinado grupo social. A partir disso, eles podem incluir termos idiomáticos, práticas sociais, referências históricas e literárias, além de aspectos relacionados a gênero, relações sociais, religião e espiritualidade. Os MC's são particularmente relevantes no processo tradutório e na interpretação intercultural de uma língua para outra, pois apresentam desafios significativos, inclusive no que tange a busca por correspondentes entre línguas e o risco de perdas ocasionadas pela omissão e/ou tentativas de adaptação de significado ao serem postos para outro contexto cultural. Como é ocorrente, por exemplo, com os MC's pertencentes ao léxico da cultura afro-brasileira.

Na tradução, ao lidarmos com narrativas marginalizadas, não só tratamos de léxico, mas também das representações do imaginário de uma cultura. Quando nos referimos ao consciente e inconsciente coletivo estamos falando de características, conhecimentos, símbolos, crenças e arquétipos que estruturam a identidade de um povo. Nesse contexto, o olhar decolonial na tradução literária se configura como uma

prática de resistência fundamental, que visa problematizar determinadas escolhas e promover, a partir disso, reflexões que reivindiquem a evidenciação das expressões culturais dos povos minorizados e subalternizados, em denúncia a manutenção do olhar colonialista. Ao analisarmos e discutirmos sobre a tradução dos MC's sob uma perspectiva decolonial buscamos refletir sobre a necessidade de preservação e valorização das particularidades, permitindo que sejam apreciadas em sua subjetividade, atravessando, portanto, os padrões e imposições coloniais nesse processo de apagamento cultural.

A decolonialidade propõe que a colonização não se fez presente apenas em um ponto específico da história, mas sim, como sendo um processo de práticas emergentes, que se aplicam nas mais variadas atividades humanas. Com isso, há a necessidade de buscar na prática decolonial formas que descentralizam ideologias europeias elaboradas para dominar a existência do que é diverso. Isso permite refletir sobre como as estruturas de poder coloniais continuam a influir nos aspectos linguísticos, culturais, sociais e políticos das sociedades contemporâneas.

A decolonialidade é um termo que emergiu da necessidade de ir além da ideia de que a colonização foi um evento acabado, pois entende-se que este foi um processo que teve/tem continuidade, mesmo tendo adquirido outras formas. Por esse motivo, os estudiosos entenderam a necessidade de ampliar categorias e conceitos adequados à América Latina como uma iniciativa de desenvolver estudos acadêmicos dedicados a esta problematização. (Oliveira e Lucini, 2021, p. 2).

Assim, a análise da tradução de MC's demandam estratégias cuidadosas, cujo olhar se direciona sobre a explicitação ou a busca de correspondências do tradutor, compreendo suas escolhas no processo de representação da integridade cultural e “original” da lexia e/ou de seu apagamento. Os MC's selecionados para este estudo pertencem ao léxico da cultura afro-brasileira, tem aparição significativa na obra *Jubiabá*, de Jorge Amado e estão relacionados à dimensão religiosa e cultural, e eles são: *Pai-de-santo*, *Macumba*, *Exu* e *Candomblé*.

Estes foram observados a partir da perspectiva decolonial com vistas a identificação dos efeitos das relações de poder que atravessam suas respectivas traduções, em atenção às tentativas do tradutor na promoção do reconhecimento da cultura do Outro ou da invisibilidade/manutenção do olhar estigmatizado sobre povos enquanto sujeitos marginalizados. Além disso, vale ressaltar que a pesquisa demonstra algumas formas de como o processo de tradução pode introjetar concepções adversas ao imaginário coletivo, e como isso pode ser lesivo, especialmente desde o ponto de vista social.

Sublinha-se que, alinhado ao objetivo deste trabalho, os pressupostos teóricos que o norteiam correspondem aos estudos dos MC's (Aubert, 2006), à tradução (Arrojo, 2007;

Venuti, 1995; 2019), às discussões sobre decolonialidade (Quijano, 2005; Maldonado-Torres, 2007).

2 (DE)COLONIALIDADE NA TRADUÇÃO LITERÁRIA: UMA LEITURA A PARTIR DAS TENDÊNCIAS DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO

Sabe-se que embora findada a colonização, a colonialidade ainda permeia em tempos modernos, sendo identificada, portanto, segundo Maldonado-torres (2007), pela interrelação entre formas atuais de dominação e exploração (colonialidade do poder), pela construção de conhecimento baseadas em ideias /pensamentos coloniais (colonialidade do saber) e através do reflexo identificado na linguagem devido a experiência vivida pela colonização (colonialidade do ser).

De acordo com Aníbal Quijano (2005), a história do poder estabelecida com a colonização fez com que os povos colonizados, especialmente os latinoamericanos, fossem privados de suas próprias singularidades culturais, atribuindo-lhes uma identidade “racial, colonial e negativa” que negava sua participação e contribuição na produção de cultura. Assim, ainda segundo o autor, aimará, incas, guaranis etc.; e iorubás, congos, achantes etc, tiveram suas identidades reduzidas a índios e negros, respectivamente, sendo considerados nada mais como

[...] raças inferiores, capazes somente de produzir culturas inferiores. Implicava também sua realocação no novo tempo histórico constituído com a América primeiro e com a Europa depois: desse momento em diante passaram a ser o passado. Em outras palavras, o padrão de poder baseado na colonialidade implicava também um padrão cognitivo, uma nova perspectiva de conhecimento dentro da qual o não-europeu era o passado e desse modo inferior, sempre primitivo. (Quijano, 2005, p. 127).

Essa mácula representada pela colonialidade atravessa épocas e se materializa na postura e ações humanas. Evidentemente, esse fenômeno, resultante de interesses particulares, funciona como combustível para fortalecer e garantir a manutenção do poder nas “mãos” daqueles que sempre ocuparam o topo da hierarquia escravizando, marginalizando, exterminando e violando o direito de ser, viver e estar na sociedade de vários povos, tais como os afrodescendentes. Dessa maneira, é a colonialidade uma matriz que se faz presente, mesmo de forma subliminar, em diferentes esferas e campos, especialmente naqueles que subjazem a propagação e construção de conhecimento.

Neste ínterim, compreendemos, portanto, que tanto a literatura, como a tradução — enquanto seu veículo propagador — são espaços propícios para o reflexo da colonialidade, mas também como um lugar de resistência frente a essa mácula, com vistas à decolonialidade.

Na literatura, a presença do léxico característico e representativo de determinado povo, conforme seu contexto de

aplicação, causa desafios ao processo de tradução. Entretanto, é válido ressaltar que as decisões pelos correspondentes nesse trânsito podem denotar resistência ou cooperação à propagação e fortalecimento do pensamento colonial. Segundo Venuti (1995; 2019), em sua produção o tradutor pode contar com dois caminhos, cujo ponto de partida são distintos e possuem propósitos particulares. Conhecidos como tendências tradutórias, a domesticação e estrangeirização caracterizam as escolhas realizadas no processo de correspondência do texto de partida na língua estrangeira e que, de algum modo, evidenciam o projeto e posicionamento político, histórico e cultural do sujeito tradutor frente a determinadas questões sociais, a exemplo da colonialidade.

O princípio básico da definição destas duas tendências delineado por Schleiermacher (1813; Braida, 2001, p. 22) estabelece que a domesticação corresponde ao caminho escolhido pelo tradutor na tentativa de fazer com que o texto de partida “vá ao encontro” do leitor estrangeiro; e, por outro lado, a estrangeirização sugere orientação inversa. Entretanto, é pertinente sublinhar que estes dois movimentos possíveis para o encontro entre o texto fonte e o leitor estrangeiro podem causar efeitos distintos, a depender das relações de poder que mobilizam a tradução. Nesse sentido, conforme defende Santos (2021), a domesticação e estrangeirização compõe-se de diferentes facetas que revelam, portanto, as seguintes soluções:

A domesticação é uma tendência que, embora através da assimilação, apague determinados valores linguísticos-culturais do texto fonte, auxilia o tradutor na busca de caminhos que resolvam os problemas impostos pela hegemonia global do inglês, por meio de uma inovação cultural e valorização das diferenças dentro do espaço da língua de chegada. Desse modo, dependendo dos propósitos e fatores que se aproximam do fazer do tradutor, a domesticação, por um lado, pode representar uma prática atrelada a continuidade de uma hegemonia; e de outro, servir enquanto saída para uma proposta de decolonização de determinadas práticas tradutórias [...] No que tange à segunda tendência, a estrangeirização, ela é coocorrente com as inclinações domesticadoras, visto que a tradução por ser um processo de negociação que se estabelece entre dependências e dominações [...] Um deles é a tentativa de valorizar elementos linguísticos-culturais da cultura de partida [...] [e que] pode ser adotada como uma prática que reflete no exotismo dos elementos pertencentes à cultura de partida. Sendo, portanto, os valores do Outro expostos como algo desconhecido e interessante e que, comumente, sustentam a estereotipagem de determinados espaços culturais. (santos, 2021, p. 52-53)

Assim, entendemos que a estrangeirização e domesticação são caminhos balizadores para o projeto de tradução e, portanto, elementos suscetíveis a indicar traços político e ideológico que atravessam-na. Logo, no presente trabalho

partimos da identificação dessas tendências na escolha dos correspondentes em língua espanhola de MC's que refletem a cultura afrobrasileira em *Jubiabá* (Amado, 2008), focalizando, em especial, na observação da postura do tradutor marcada pela predisposição à colonialidade ou decolonialidade.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO SOBRE A TRADUÇÃO DOS MARCADORES CULTURAIS AFRO BRASILEIROS PRESENTES EM *JUBIABÁ*, DE JORGE AMADO

Basilio Losada, conhecido como mediador literário e o primeiro intérprete de Jorge Amado na Espanha, nasceu em 1930 em Galícia. Sua tradução alcançou cerca de 150 obras em 8 idiomas, além do português. Losada, iniciou sua carreira de tradutor com a finalidade de angariar fundos, uma vez que era considerado um estudante pobre, mas que sempre se interessou pela leitura. Entre os anos de 2003 e 2017 o intérprete doou cerca de 30 mil volumes à Biblioteca da Galícia.

Em entrevista à Revista FAPESP, Losada conta que o início da sua carreira na tradução não aconteceu de forma comum, uma vez que não conhecia a língua e muito menos a sua gramática. O aprendizado e o interesse surgiu ao iniciar a leitura de livros que o interessavam, as obras de Jorge Amado entraram em sua vida de forma inesperada, ao encontrar em um sebo a obra *Os velhos Marinheiros*.

Com o início do regime franquista em 1936, Basilio Losada e sua família foram proibidos de falar galego, o que despertou nele um interesse em outras línguas, incluindo o português. Esse contexto de repressão linguística influenciou sua trajetória, levando-o a valorizar a diversidade cultural e a busca por novas formas de expressão. Com uma forte base acadêmica e um interesse particular pela língua e cultura brasileira, Losada dedicou-se à tradução de obras literárias, contribuindo significativamente para a divulgação da literatura brasileira na Espanha. Essa experiência pessoal e seu envolvimento com questões de identidade cultural tiveram um papel importante nas suas escolhas tradutórias, especialmente em obras que, como *Jubiabá*, dialogam com elementos culturais e sociais ricos do Brasil: “Penso que a melhor literatura se faz em países menos desenvolvidos e, no caso do Brasil, há uma variedade de matrizes étnicas

que colabora com o processo criativo dos autores”. (Losada, 2019, p. 89).

As lexias analisadas referem-se a um conjunto de atribuições no contexto de *Jubiabá*. Esses termos são fundamentais para entender a cultura afro-brasileira presente na obra, em que as tradições religiosas afrodescendentes são retratadas como parte do cotidiano dos personagens e do cenário da Bahia, refletindo o sincretismo religioso e a resistência cultural das comunidades negras no Brasil, sendo elementos que enriquecem a narrativa de Jorge Amado.

Jorge Amado, um dos escritores brasileiros mais famosos e traduzidos, busca através de suas obras retratar a vida cotidiana na Bahia, na qual essas crenças e práticas são conhecidas e fazem parte da caracterização de muitos dos seus personagens, assim como na obra de *Jubiabá*. O ponto de partida é a história de vida do povo negro que não possuem condições financeiras, especialmente os descendentes escravizados africanos que lutaram durante muito tempo para manter viva as tradições do seu povo.

As lexias selecionadas auxiliam no desenvolvimento da obra e nos dão embasamento para entender o contexto sócio-histórico daquele período, concebendo uma narrativa que considera a diversidade brasileira e sua cultura diversa. A inclusão dos MC 's selecionados dão a autenticidade necessária à obra, auxiliando no processo de identificação da identidade brasileira. Dessa maneira, em *Jubiabá* Jorge Amado (2008) utiliza das seguintes lexias: '*Pai-de-santo*', '*Macumba*', '*Exu*' e '*Candomblé*', que hoje percebemos como forma de resistência e enaltecimento das raízes afro-brasileiras. Podendo transformar a visão estigmatizada que regularmente é atribuída às religiões de matrizes africanas.

Abaixo, é possível observar os quadros com as abonações, referentes ao seu uso dentro do contexto textual da obra *Jubiabá* (2008), a partir delas se faz possível analisar a estratégia utilizada pelo tradutor Basílio Losada e as implicações sociais e ideológicas que permearam a perspectiva que dirige a estrutura da obra, na tentativa buscar manter a significação de cada uma das lexias e ao mesmo tempo adequando-as à cultura do leitor espanhol.

O MC *pai-de-santo* refere-se a um líder orientador masculino, responsável pelo espaço onde ocorrem os ritos de religiões de matrizes africanas, como por exemplo o

Quadro 1 - MC *pai-de-santo*

ABONAÇÕES	
TEXTO FONTE	TRADUÇÃO
<p>“Ninguém havia reparado a chegada de Jubiabá. O macumbeiro falou: — Mas ele morreu de morte feia...</p> <p>Os homens baixaram a cabeça, bem sabiam que eles não podiam com Jubiabá que era pai-de-santo. — Morreu de morte feia. Nele o olho da piedade vazou. Ficou só o da ruindade. Quando ele morreu o olho da piedade abriu de novo.” (Amado, 2008, p. 29)</p>	<p>“Nadie había reparado en la llegada de Jubiabá. El macumbero habló: — Pero murió de mala muerte... Los hombres bajaron la cabeza. Bien sabían que nada podían con Jubiabá, que era «padre-de-santo». — Murió de muerte fea. Ruin. Con él se cerró el ojo de la piedad. Cuando murió, se abrió de nuevo.” (Amado, 2014, p.18)</p>

Candomblé e a umbanda. De acordo com o Dicionário Online de Português, essa lexia diz respeito a: um sacerdote do culto fetichista afro-brasileiro, chefe do terreiro, que transmite aos crentes as instruções recebidas.

Na tradução para o espanhol realizada por Basilio Losada, observa-se uma estratégia de estrangeirização com o correspondente *‘Padre-de-santo’*. Ao pesquisar essa lexia no Dicionário da Real Academia Espanhola (RAE), identificamos que não há registro no acervo linguístico. Logo, entendemos que a modulação realizada pelo tradutor objetiva aproximar a referencialidade denotativa presente no TF para o leitor hispanófono, embora ele não garanta o acesso ao significado religioso e sociocultural que este MC possui.

Entendemos, portanto, que a lexia atende aos aspectos de uma tradução decolonial, frente a resistência ao apagamento do termo e que consequentemente corrobora para a afirmação e o alcance dessas tradições na língua de chegada, sendo aquelas marginalizadas, principalmente pelo colonialismo. Ainda que o autor utilize a expressão *‘Padre-de-santo’* sem sinalizar no glossário localizado ao final do livro traduzido, esse é um reflexo da tentativa de preservar a identidade da palavra e das práticas afro-brasileiras. Dessa forma, o leitor dispõe de sua autonomia para estruturar seu conheci-

mento acerca da expressão, ocasionando também em uma maior chance de pesquisa a respeito da cultura na qual o livro foi escrito.

É válido ressaltar que diante desta tradução estrangeirizadora, a ausência de uma nota ou explicitação sobre a lexia no TF em glossário final sugere também possibilidades para uma leitura de estranhamento por parte do leitor estrangeiro, posto que não há referencialidade deste MC na cultura de recepção. E considerando que tradutor é europeu, não descartamos este olhar, pois ele é um sujeito historicamente social e influenciado pelo contexto histórico e cultural do qual faz parte. Além disso, observamos também que a decisão em traduzir *pai-de-santo* por *padre-de-santo* demonstra uma tentativa de adaptar e/ou ressignificar a palavra *‘padre’*, que em espanhol também pode ser interpretada circunstancialmente nos termos usuais do catolicismo.

No que se refere à lexia *macumba*, segundo o Dicionário Online de Português, pode-se entender de duas maneiras distintas, a primeira como um instrumento musical de percussão, com origem na África. A segunda consideração e também a maneira como está referenciado na obra, diz respeito ao nome popular dado a cultos afro-brasileiros de origem Nagô.

Quadro 2 - MC *macumba*

ABONAÇÕES	
TEXTO FONTE	TRADUÇÃO
A noite caía pelos fundos das casas e era aquela noite calma e religiosa da Bahia de Todos os Santos. Da casa do pai-de-santo Jubiabá vinham sons de atabaque, agogô, chocalho, cabaça, sons misteriosos da macumba que se perdiam no pisca-pisca das estrelas, na noite silenciosa da cidade. Na porta, negras vendiam acarajé e abará. (Amado, 2008, p. 96)	La noche caía, la noche tranquila y religiosa de Bahía de Todos os Santos. De la casa del pai-de-santo Jubiabá, llegaban sonos de atabaque, agogô, calabaza, sonos misteriosos de macumba que se perdían entre los guiños de las estrellas en la noche silenciosa de la ciudad. En la puerta, unas negras vendían pasteles y arroz dulce. (Amado, 2014, p. 65)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na análise do MC *‘macumba’* é possível notar que na versão traduzida o autor veicula uma representação para a lexia posta. Esta demonstra referência a uma tradução estrangeirizante que sugere uma decisão decolonial. Ao invés de adaptar a palavra para o contexto que alcance mais facilmente a compreensão do público estrangeiro, o tradutor optou por mantê-la em sua forma, escolha essa que indica um desafio nesta tradução.

Abaixo, nota-se a consideração do autor no que diz respeito ao significado da palavra:

Ceremonia religiosa, producto del sincretismo entre los viejos cultos africanos aportados por los negros esclavos y la religión cristiana. En un mismo plano, e identificándolos, se rinde culto a los orixá o dioses africanos, a los santos cristianos y, a veces, a los espíritus a que rendían culto los indígenas americanos. En Bahía predomina la influencia Nagô (de Yoruba). (N. del T.) (Losada, 2014, p. 219)

Assim, diante da estratégia de estrangeirização em que o tradutor opta por preservar a lexia, mesmo que esse pareça “estranha” para o leitor receptor, Basilio Losada utiliza como saída a explicitação do MC na descrição em glossário final, permitindo ao público estrangeiro o acesso a significação da lexia, conforme a cultura afro-brasileira, sem que haja a necessidade de diluir o significado para atender a visão ocidental. Desse modo, compreendemos que esta tradução favorece uma experiência mais rica e próxima da comunidade relatada.

Sobre o MC *Exu*, este conforme o Dicionário Online de Português no que diz respeito à religião, refere-se a entidade espiritual, do Candomblé ou da Umbanda, que funciona como um porta voz que conduz os pedidos oferecidos pelo homem a entidades maiores.

Como podemos observar, na tradução de “Exu”, Basilio Losada mantém a lexia inalterada, adicionando apenas a

Quadro 3 - MC *Exu*

ABONAÇÕES	
TEXTO FONTE	TRADUÇÃO
Mas, apesar dos elogios, Antônio Balduino não se sentira muito disposto a falar com Jubiabá. Isso de levar brancos e principalmente desconhecidos, para as macumbas, não dava certo. Podia ser um polícia que ia só para prender todo mundo. Uma vez tinham metido Jubiabá na chave, o pai-de-santo passara a noite lá, e tinham levado Exu . Foi preciso que Zé Camarão, que era finório como ele só, fosse buscar o Orixalá na própria sala do delegado, nas barbas do soldado. (Amado, 2008, p. 102)	“Pero a pesar de los elogios, Antonio Balduino no se había mostrado muy dispuesto a hablar con Jubiabá. Eso de llevar blancos, y desconocidos además, a la macumba, no le iba a gustar nada. Podía ser un policía y acabar deteniéndolos a todos. Una vez habían metido a Jubiabá en la cárcel, y el padre-de-santo había pasado la noche allá y se habían llevado además a Exú . Fue preciso que Ze Camarao, que era fino y cumplido como él solo, fuera a buscar al Orixá a la propia sala del delegado, ante las barbas de un soldado.” (Amado, 2014, p. 70)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

acentuação gráfica para marcar a tonicidade da palavra, visto que esta é desconhecida pelo leitor receptor da tradução. Neste caso, a tendência utilizada também é a estrangeirização, preservando o nome da entidade e permitindo que o leitor tenha o contato direto com a terminologia religiosa afro-brasileira.

A manutenção de ‘*Exu*’ na tradução é uma decisão que preserva a significação da identidade cultural e espiritual que o MC possui tanto na obra como na cultura de partida, possibilitando ao leitor espanhol um acesso mais autêntico ao cenário retratado por Jorge Amado. No entanto, essa escolha também implica uma maior responsabilidade do

leitor em compreender a figura de Exu e seu papel nas tradições afro-brasileiras podendo gerar a necessidade de pesquisas externas ou notas de tradução, como resolve Basilio Losada ao inserir a seguinte descrição para este MC: “*Dios de origen yoruba, pequeño diablo perturbador y travieso que se complace en distraer o molestar a los asistentes a las ceremonias. (N. del T.)*” (Losada, 2014, p. 220).

Por fim, com relação ao MC *candomblés*, este refere-se a religião de origem africana que, trazida para o Brasil pelos povos africanos foram escravizados no século XIX, especialmente bantos e nagôs, apresentam em sua essência elementos ligados aos ancestrais e à natureza.

Quadro 4 - MC *candombles*

ABONAÇÕES	
TEXTO FONTE	TRADUÇÃO
“E Exu, como tinham feito o seu despacho, foi perturbar outras festas mais longe, nos algozoais da Virgínia ou nos candomblés do morro da Favela. Num canto, ao fundo da sala de barro batido, a orquestra tocava. Os sons dos instrumentos ressoavam monótonos dentro da cabeça dos assistentes. Música enervante, saudosa, música velha como a raça, que saía dos atabaques, agogôs, chocalhos, cabaças.” (Amado, 2008, p. 96)	“Y Exú, conjurado, fue a perturbar otras fiestas más lejanas, en los algodinales de Virginia o en los candombles [3] del morro de la Favela. En un rincón, al fondo de la sala de adobe, tocaba la orquesta. El son de los instrumentos resonaba monótono en la cabeza de los asistentes. Música enervante, melancólica, música vieja como la raza, que salía de instrumentos primitivos: atabaques, agogôs, chocallos, calabazas.” (Amado, 2014 p. 65)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na obra, a lexia “*candomblé*” aborda o uso de expressões regionais e culturais da Bahia, que é central na descrição do cenário e da vida espiritual dos personagens em *Jubiabá*. Tal expressão é carregada de significado, remetendo às práticas religiosas e ao universo espiritual que permeia a vida dos personagens e sua relação com a fé e a cultura popular.

Na tradução, apesar de o tradutor optar novamente pelo empréstimo linguístico, seguindo a estrangeirização, processo visa conservar a autenticidade do texto original, permitindo que o leitor tenha acesso direto à uma parte essencial da cultura afro-brasileira, sua tradução sugere marcas de atravessamento da colonialidade. Isto porque,

o MC ‘*candombles*’ é descrito em glossário final como uma seita africana, que no senso comum da cultura espanhola europeia pode sugerir o olhar negativo sobre o ritual, potencializando os estereótipos colonialistas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise da tradução dos marcadores culturais (MCs) afro-brasileiros realizada por Basilio Losada (2014), foi identificado o uso do processo de estrangeirização nos quatro MCs selecionados. Observou-se que o tradutor recorre a essa tendência para facilitar a compreensão do leitor sobre o que

está sendo dito. No entanto, em alguns casos, essa postura pode implicar diferentes possibilidades de interpretação. Um exemplo é a lexia *padre-de-santo*, que, ao ser traduzida de forma específica, suscita leituras que neutralizam seu valor cultural ou adaptam sua significação, em um movimento subliminar de apagamento. Isso pode levar à associação equivocada de *padre* à figura católica, desconsiderando a singularidade cultural do termo original.

Apesar disso, mesmo apresentando modulação, a tradução analisada foi caracterizada como estrangeirizante, uma vez que a referencialidade da lexia traduzida mantém-se vinculada à cultura de partida e não possui equivalente registrado na língua de chegada. Essa análise confirma que a estrangeirização pode ser vista como uma estratégia de preservação cultural que sugere um olhar decolonial. Contudo, também pode abrir espaço para o risco de estranhamento ou exotização, perpetuando estereótipos.

Nesse contexto, é importante considerar a posição histórica e sociocultural do tradutor europeu. Enquanto sujeito situado, ele carrega consigo marcas e perspectivas que influenciam suas escolhas tradutórias. A abordagem decolonial, por sua vez, propõe romper com a hegemonia dos padrões eurocêntricos de tradução, que frequentemente diluem ou inviabilizam as especificidades culturais de povos colonizados.

A prática tradutória decolonial busca problematizar essas tendências, reivindicando que as culturas subalternizadas sejam apresentadas em sua singularidade, sem serem reduzidas a adaptações que atendam a ideologias dominantes. Essa perspectiva entende que o papel do tradutor vai além da mera adaptação do texto para torná-lo “mais acessível”. Em vez de suavizar os traços culturais específicos, a tradução deve criar um espaço de coexistência entre diferentes visões de mundo, permitindo que o leitor do texto traduzido seja exposto à diversidade cultural. Assim, reconhecem-se narrativas e práticas que transcendem os moldes ocidentais, promovendo um diálogo intercultural autêntico.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. Jubiabá. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMADO, Jorge. (2000). Jubiabá. Tradução de Basilio Losada, 2014. Disponível em: <https://www.lectulandia.com>. Acesso em: 08 set. 2024 .
- ARROJO, R. Oficina de tradução. Teoria na Prática. São Paulo, 2007.
- AUBERT, Francis Henrik. Indagações acerca dos Marcadores Culturais na Tradução. São Paulo: Estudos orientais, 2006, p. 23-36. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5011929/mod_resource/content/1/aubert%20-%20marcadores%20culturais.pdf. Acesso em: 25 set. 2024.
- DE Souza Oliveira, E. ., & Lucini, M. . (2021). O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. Boletim Historiar, 8. Recuperado de <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/15456>
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 30 out. 2024.
- Pesquisa Fapesp, Ed. 278, p. 86-89, junho de 2019. <ahref='https://revistapesquisa.fapesp.br/basilio-losada-mediador-literario/'target='_blank'>originalaqui.</p><script>varimg=newImage();img.src='https://revistapesquisa.fapesp.br/republicacao_frame?id=282962&referer='+window.location.href;</script>. Acesso em: 26 out 2024.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires: CLACSO, 2000. Disponível em: <https://www.tni.org/files/download/La%20colonialidad%20del%20saber.%20Eurocentrismo%20y%20ciencias%20sociales.pdf>. Acesso em: 30 out. 2024.
- MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global / compiladores Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. – Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 127-167.
- SANTOS, Aline de Freitas. Os marcadores culturais do domínio ideológico na tradução de Macunáima e o protótipo do glossário bilíngue. 191f. Dissertação (Mestrado de Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, UEFS, 2021. 191f. Disponível em: www.ppgel.uefs.br
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. Über die verschiedenen methoden des übersetzens (1813). Traduções sinóticas. Tradução por Celso R. Braidão. Santa Catarina: Scientia Traductionis, 2011.
- VENUTI, Lawrence. Escândalos da tradução. Por uma ética da diferença. Trad. Laureano Pelegrin, Lucineia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- VENUTI, Lawrence. The translator's invisibility: a history of translation. Londres: Translation Studies, 1995.